

FILOSOFIA E MÚSICA

Uma inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer e a música de Brahms

Jair Barboza*

Resumo:

O artigo discorre sobre uma inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer acerca do sujeito, da vontade e da matéria e as implicações que isso tem para a sua metafísica da música. Tudo isso é remetido ilustrativamente à primeira sinfonia de Brahms.

Palavras-chave: Sujeito, Vontade, Matéria, Música.

Abstract:

This article discusses a inflection in Schopenhauer's thought about subject, will and matter and the implications of this in his metaphysics of music. All this is referred illustratively to the first symphony of Brahms.

Keywords: Subject, will, matter, music.

1.

Sujeito, vontade e matéria no tomo I de *O mundo como vontade e como representação*

O que aqui apresento poderia também ser intitulado “notas de tradução” – ao primeiro capítulo do tomo II dos *Complementos* à obra principal de Schopenhauer (que ora traduzo). Essas notas vieram a lume porque pode-se notar, do tomo I para o tomo II de *O mundo como vontade e como representação*, uma mudança significativa em como Schopenhauer concebe a noção de matéria.¹ Isto faz com que a sua filosofia assuma um acento

* Professor do Departamento de Filosofia da UFSC.

¹ Na Alemanha Alfred Schmidt publicou importante estudo sobre o materialismo de Schopenhauer, intitulado *Drei Studien über Materialismus*. München: Hanser, 1977. No Brasil, estudo de envergadura sobre a noção de matéria no pensamento de Schopenhauer encontra-se na tese doutoral de Eduardo Brandão, publicada sob o título *A concepção de matéria na obra de Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2009. Não é meu

materialista antes insuspeito, e que o autor, todavia, reluta em assumir com todas as letras. Não o faz porque essa postura entraria em choque com o declarado idealismo de origem kantiana defendido em sua obra mais juvenil.

Em 1844, contudo, 26 anos após a publicação da primeira edição de “O mundo...”, chega a hora do maduro Schopenhauer fazer um acerto de contas consigo mesmo e com a sua até então encalhada obra. E o faz com os referidos complementos destinados aos seus ainda pouquíssimos leitores. Ora, nesse acerto, diz, não quis manchar o seu texto juvenil, imprimindo-lhe o selo da maturidade, com o que tiraria o viço primeiro dele com ranços autocríticos. De modo que a opção foi precisamente escrever os suplementos. No fundo, pensa que não vai mudar muito da prosa e do esqueleto conceitual originários, mas apenas desenvolver teses do primeiro texto.

Porém, não é isso o que ocorre. Mudanças significativas surgem. Já na abertura dos *Complementos* assoma um filósofo cada vez mais materialista, porém como que assustado consigo mesmo, e tomado por um hercúleo trabalho de conciliar seu kantismo, ou seja, a idealidade do mundo dos fenômenos, e esse novo materialismo, isto é, uma matéria que possibilita os fenômenos não como mera forma do princípio de razão, mais precisamente a causalidade ao lado de tempo e do espaço enquanto formas puras inerentes ao cérebro, como antes exposto no tomo I, mas sim uma matéria autónoma e independente, substância absoluta, existente por si mesma, sem o concurso daquelas formas *a priori* do princípio de razão. Noutras palavras, entra em cena na sua filosofia o destaque para uma matéria independente do sujeito.

Mas, no tomo I, ao contrário, entidades absolutamente autónomas eram, de um lado, o chamado *puro sujeito do conhecimento*, e, de outro, a *Vontade* como coisa em si una e indivisa dos fenômenos, ou seja, da pluralidade sem fim dos indivíduos. No tomo I Schopenhauer mantém-se fiel à distinção entre coisa-

objetivo aqui deter-me exaustivamente na noção de matéria, mas apenas apontar como uma inflexão neste conceito, ocorrida do tomo I para o II da obra magna do filósofo, traz interessantes elementos para a compreensão de sua metafísica da música.

em-si e fenômeno. Onde quer que haja conhecimento, diz uma importante passagem da obra, ali há um único sujeito que conhece, “puro olho cósmico” do mundo, que mira as coisas seja a partir do olhar de um cavalo ou de um filósofo. O puro sujeito conhece sem ser no entanto conhecido – uma noção de sujeito em afinidade com a encontrada nos versos 7,26 do *Bhagavad Gita* (texto hinduísta tão admirado pelo autor, presente no *Mahabharata*), que soam: “Conheço todos os seres, Arjuna,/ os pretéritos, os presentes/ e também os futuros./ No entanto ninguém me conhece”. (*Bhagavad Gita* 2007) Já a Vontade como coisa-em-si “manifesta-se”, aparece em mundo via seus “atos originários”, as Ideias arquetípicas ou espécies da natureza, e assim surge um “espelho” para ela, justamente o mundo em face de todos os indivíduos, com seus planetas, seres vivos, galáxias etc.

Já a matéria (ou substância; imagem comum para ela: a pedra) não é autônoma, mas antes é percebida pela forma da causalidade que opera no cérebro, ao lado, como disse, do tempo e do espaço, como formas puras do princípio de razão – que reza: nada é sem uma razão, sem um fundamento pelo qual é. A realidade, pois, é minha representação, aí residindo a sua idealidade e a justificativa do idealismo como o verdadeiro ponto de partida de toda filosofia honesta. Exemplos dessa idealidade dos fenômenos, dessa dependência do que é objetivo em relação ao que é subjetivo, não faltam. **α)** A visão não se reduz às sensações exteriores na retina, pois se assim fosse, os objetos seriam percebidos de maneira invertida, já que é assim que primeiro eles chegam até a superfície do olho; mas, ao contrário, o cérebro mediante a sua forma inata da causalidade opera com os dados da sensibilidade e remete, via forma do tempo, o efeito sensorio na retina à sua origem, para ao fim chegar à origem do efeito, sua causa, posicionando-a corretamente no espaço, a outra forma inata do cérebro – desse modo tem-se, nesse trabalho de pintor do entendimento, as figuras endireitadas, e o mundo se faz mundo como a nossa visão comumente o apreende; **β)** Os dois olhos recebem cada um, separadamente, seus dados

exteriores, portanto, são duas orientações diferentes; se é assim, por que não vemos duplicadamente as coisas? Resposta: porque o cérebro desfaz a duplicação, tornando o que é duplo numa coisa só, vale dizer, percepção empírica de objetos unívocos, componentes muitas vezes de vastos panoramas; γ) Colocar a cabeça por entre as pernas não torna o mundo invertido: por quê? Porque o cérebro, com as suas formas *a priori* do tempo, do espaço e da causalidade, refaz subjetivamente, em concepção objetiva, a matéria da sensação, posicionando as coisas corretamente para a percepção. (cf. Schopenhauer 1972, pp 59-60; Barboza 2001, p. 25)

Em todos esses exemplos de intelectualidade da intuição temos a assim chamada “conclusão do entendimento”. Nota-se, pois, o aspecto transcendental da obra primeira de Schopenhauer. A própria matéria confunde-se aí com a causalidade. Eu cito: “O ser da matéria é o seu fazer-efeito. Nenhum outro ser lhe é possível nem sequer pensável.” Ou ainda: “a matéria, portanto a causalidade”.(cf. Schopenhauer 2002, pp. 49-50)

Como o mundo não passa desse fazer-efeito do sujeito que o conhece e lhe atribui objetividade, o melhor termo para definir a realidade seria “efetividade”, em alemão *Wirklichkeit*, vale dizer, um “fazer-efeito”, um *wirken* do sujeito cognoscente. Nesse contexto, Schopenhauer diz que o termo alemão *Wirklichkeit*, efetividade, é muito melhor filosoficamente para designar a realidade que o latino escrito em alemão *Realität*.

E assim o ponto de vista idealista é filosoficamente vencedor sobre sobre o ponto de vista materialista. O ponto de vista materialista, em seu desregrado amor ao inanimado, merece severas críticas, devido à pobreza das suas explicações sobre o surgimento do mundo e da vida, pois assume que o desenvolvimento da matéria levou por um acaso feliz ao surgimento do corpo animal. Mas este é tão rico e enigmático, nas consonâncias e harmonias de funcionamento entre coração, pulmão, rins, fígado etc., que é inconvincente

admiti-lo como um mero acaso na combinação de elementos da matéria. O mesmo vale para o mundo orgânico como um todo. Admitir esta evolução significaria afirmar que todas as complexas espécies da natureza surgiram por acaso. Mas a natureza não faz saltos, é a lição kantiana, e um dos grandes enigmas do cosmo é justamente a passagem do inorgânico ao orgânico. De modo que só a doutrina das Ideias de Platão, para Schopenhauer, dá conta disso. Por conseguinte, o seu idealismo, que atribui realidade aos fenômenos só como construtos cerebrais, é reforçado pelo idealismo da doutrina das Ideias da natureza. Por outros termos, cada espécie da natureza é uma Ideia que sempre existiu e continuará a existir mesmo que os exemplares individuais que a representam desapareçam da face de um planeta.

O materialismo, critica Schopenhauer, toma a lei de causalidade como fio condutor de suas investigações sobre o mundo e a vida, ignorando no início da vida e do mundo a existência do sujeito do conhecimento. Tenta assim encontrar o “primeiro e mais simples estado da matéria” para dele “desenvolver todos os outros”, ascendendo do mecanismo para as reações químicas, destas para a vegetação, até chegar no organismo animal. O último elo da cadeia seria, pois, a sensibilidade animal, o conhecimento. Conhecimento como mera modificação da matéria. Mas só que, assim procedendo, descobre ao fim o que já estava no começo, porque o último resultado, laboriosamente produzido, exatamente o conhecimento, já era pressuposto “como condição absolutamente necessária do primeiríssimo ponto de partida”. E este primeiríssimo ponto de partida é a matéria, que, diz o autor, “pensávamos figurar, mas de fato tínhamos pensado tão-somente no sujeito que a representa, no olho que a vê, na mão que a sente, no entendimento que a conhece”. (Schopenhauer 2005, p. 72)

Em termos gerais é assim que se constitui no tomo I de “O mundo...” o, por assim dizer, idealismo ortodoxo de Schopenhauer, sem concessões à independência exterior da matéria. O conhecimento, último elo da cadeia

materialista, em verdade já era pressuposto logo no primeiro elemento dela: nenhum objeto sem sujeito, nenhuma matéria sem quem a perceba, nenhum mundo sem quem o represente.

2.

Sujeito, vontade e matéria no tomo II de “O mundo...”

Ainda tentando ser fiel ao seu idealismo de juventude, Schopenhauer intitula “Sobre o ponto de vista idealista” o capítulo 1 do tomo II aos complementos a sua obra principal (que complementa os caps. 1 a 7 do tomo I). Contudo, o que aqui vamos ver é um filósofo andando na corda bamba para fazer conviver idealismo e materialismo em seu pensamento. Mas a pergunta que não cala, secretamente, soa: como tornar-se materialista sem ao mesmo tempo cometer o parricídio contra Kant, isto é, sem abandonar a idealidade dos fenômenos e a independência do sujeito em relação à matéria? E no entanto o parricídio será cometido. Embora o materialismo seja motivo até de chacota na primeira edição, como vimos, pois não dá conta conceitualmente da noção de organismo vivo e de conhecimento, ele ganha agora cada vez mais corpo, a ponto de a matéria aproximar-se do em si do mundo, a Vontade.

O capítulo 1 dos *Complementos* a sua obra principal, portanto, é ambíguo, devido à sua dificuldade extrema, que é a de tentar conciliar o que aparentemente é impossível: de um lado, sujeito e consciência como sustentáculos autônomos do mundo, de outro lado, matéria como matriz independente do mundo que aparece. Notamos agora que a matéria deixa de ser uma função meramente cerebral, um simples *wirken*, fazer-efeito do sujeito, deixa de ser uma simples *Ursache-Wirkung*, causa-efeito do processo cerebral de conhecimento, e torna-se algo autônomo, tanto quanto o puro sujeito do conhecimento e a vontade como coisa-em-si. Com isso, o texto adquire um enorme grau de vertigem e tensão conceitual, nessa luta de dois gigantes: de um

lado o sujeito autônomo, que antes negava a existência da matéria, e de outro a matéria que reivindica com igual direito a sua autonomia, ao justapor-se metafisicamente ao sujeito e mostrar que sem ela *não pode haver substrato algum para o mundo*, ou seja, ela e o sujeito são os sustentáculo daquilo que se pode conhecer. O drama filosófico aqui esboçado será convencer o sujeito de que ele tem de dividir com a matéria o papel de protagonista no espetáculo do mundo visível e invisível, audível e inaudível. Assim, o texto em sua abertura faz o elogio ao idealismo, como seria de se esperar, em consonância com o tomo I da obra principal. Eu cito o autor:

Pois, somente após séculos a fio ter-se praticado um filosofar meramente OBJETIVO é que se descobriu que, dentre as muitas coisas que fazem o mundo tão enigmático e problemático, a primeira e mais próxima é: por mais incomensurável e massivo que ele seja, sua existência depende todavia de um único fiozinho: e este é a consciência de cada um, na qual ele repousa. Esta condição, implicada irrevogavelmente na existência do mundo, imprime neste, apesar de toda a sua realidade EMPÍRICA, o selo da IDEALIDADE e, com este, do simples FENÔMENO; com o que o mundo, pelo menos de um lado, tem de ser reconhecido como aparentado ao sonho e colocado na mesma classe deste. (Schopenhauer 1988, p. 12)

Consciência e mundo não podem ser separados. E temos como arremate dessa comparação entre mundo e sonho a declaração contundente do autor: “Por consquência, a verdadeira filosofia tem sempre de ser IDEALISTA; do contrário não é honesta.” (Schopenhauer 1988, p. 13)

A independência da matéria aparentemente não se sustenta, pois, sugere Schopenhauer, basta fazer o seguinte experimento metafísico-psicológico. Eu cito:

Façamos uma vez desaparecer do mundo todo ser que conhece e deixemos apenas a natureza inorgânica e vegetal.

Estão ali penhasco, árvore, riacho e céu azul. Sol, lua e estrelas iluminam o mundo, como antes. Porém é óbvio que em vão, pois olho algum existe ali que os veja. (Schopenhauer 1988, pp. 18-9)

Ou seja, o mundo absolutamente objetivo e material, fora da cabeça, independente e anterior ao conhecimento, presumido como se existisse anterior à consciência, não é outro senão o mundo conhecido subjetivamente, o mundo da representação, interior a esta, jamais exterior e lá fora.

Contudo, no meio do texto entra em cena a matéria em outra roupagem, ainda modesta em sua fala. Pede licença para ocupar lugar na filosofia. Em princípio, o filósofo reluta em admitir essa indesejada tão criticada no tomo I por suas insanas pretensões. No entanto, essa matéria é agora sedutora em seu discurso, e faz a seguinte aparição, provocando dúvidas no filósofo, ainda com medo de ceder ao seu canto de sereia. Eu cito a dúvida de Schopenhauer :

A matéria enquanto tal existe apenas em nossa representação ou é independente dela? Neste último caso seria a coisa-em-si, e quem admite uma matéria que existe em si, também tem de ser, de maneira consequente, um materialista, ou seja, convertê-la em princípio de explicação de todas as coisas. Quem ao contrário a nega como coisa-em-si é, *eo ipso*, idealista. (Schopenhauer 1988, p. 22)

Quer dizer, admitir uma matéria independente da representação, isto é, da consciência, do cérebro e de suas formas apriorísticas de conhecimento, significa, como os termos do próprio filósofo deixa claro, reconhecê-la como a coisa-em-si! Ora, como então Schopenhauer vai admitir uma matéria independente, como está prestes a acontecer neste cap. 1 do tomo II, sem tornar-se materialista?

Ora, se o idealismo do tomo I é legítimo, agora descobre-se que o materialismo “também tem sua legitimidade” (sic!). Pois, diz Schopenhauer, é “tão verdadeiro” que “quem conhece é um produto da matéria”, quanto é

verdadeiro que “a matéria é uma mera representação de quem conhece.” Vertigem! Schopenhauer dialético? Algo é e não é ao mesmo tempo? E o princípio de contradição?, que ele acusava os idealistas alemães de tanto terem desrespeitado? Estamos num momento da filosofia de Schopenhauer, pois, em que a “porca torce o rabo”, vale dizer, à afirmação de que “eu sou uma mera modificação da matéria”, tem de contrapor-se e tornada válida a afirmação de que “toda matéria existe meramente em minha representação”.

Em verdade é só dessas concessões à matéria autônoma, em relação à consciência, que poderemos entender temas caros à filosofia madura de Schopenhauer. Temas que independem de uma temática das filosofias da consciência, e pelos quais o autor é tão contemporâneo. Temas como o *inconsciente*, o *irracional como mau radical*, *os impulsos inconscientes sem objeto definido*, o *corpo* que tem nas forças físicas e químicas as detentoras de sua ocupação de direito, e pelo qual o ser humano é um ser para a morte, etc.

Mas, sem dúvida, estamos diante de um incômodo teórico, quase um beco sem saída, que leva o autor a complementar a frase de abertura de sua obra principal, isto é, “o mundo é minha representação”, com esta outra dos *Complementos*:

Por outro lado, o ponto de partida subjetivo e princípio originário de que o mundo é minha representação, também tem o seu inadequado (...) porque meramente exprime o ser-condicionado do objeto pelo sujeito, sem ao mesmo tempo afirmar que também o sujeito enquanto tal é condicionado pelo objeto. (Schopenhauer 1988, p. 25)

Noutros termos, uma consciência sem objeto não é consciência alguma, um sujeito sem matéria não é compreensível.

A solução encontrada é, finalmente, conceder pleno direito de cidadania filosófica a essa matéria que incarna nos objetos. Pois, de fato, assim como o sujeito antecede à realidade figurativa do mundo, a matéria, no tomo II, também antecede à realidade figurativa do mundo. Sujeito e matéria, portanto, são

reconhecidos como compondo as duas pilastras do mundo como representação. E, para além do mudo como representação, fica o em si, a Vontade cósmica, imemorial, imaterial, irracional e inconsciente.

Contudo, a matéria, *como a Vontade, isto é, a coisa-em-si mesma*:

- a) “não é dada em experiência alguma, mas é pressuposta em toda ela”;
- b) é “eternamente imperecível”;
- c) “não é propriamente extensa” (isto é, não é espacial).

Para não igualar absolutamente matéria e Vontade, o que transformaria em definitivo a matéria na coisa-em-si, Schopenhauer concebe a matéria como o pólo oposto do sujeito, e ambos, sujeito e matéria, como pólos da representação, isto é, sustentáculos do mundo. Eu cito:

Pode-se por conseguinte considerar a permanência da matéria como o reflexo da intemporalidade do puro sujeito tomado absolutamente como condição de todo objeto. Ambos pertencem àquilo que aparece, não à coisa-em-si: são o esqueleto do que aparece. Os dois são descobertos apenas por abstração, não são dados imediatamente de modo puro e por si mesmos. (SCHOPENHAUER 1988, p. 26)

Para concluir estas teóricas notas de tradução concernentes à inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer acerca do sujeito, da Vontade e da matéria, cabe citar o fechamento literário do próprio cap. 1 do tomo II, que tenta solucionar literariamente o problema de um autor relutante em tornar-se materialista. No último minuto tenta salvar-se literariamente do fatídico canto da sereia, numa espécie de exorcismo místico, fazendo sujeito e matéria ganharem consciência e dialogarem, num dos momentos que eu considero dos mais estranhos da filosofia de Schopenhauer.

O SUJEITO – Eu sou, e fora de mim nada existe. Pois o mundo é minha representação.

A MATÉRIA – Que arrogância néscia! Eu, eu sou, e fora de mim nada existe. Pois o mundo é minha forma transitória. Tu és um simples resultado de uma parte dessa forma e és totalmente contingente.

O SUJEITO – Que disparate! Nem tu nem tua forma existiram sem MIM: vós sois condicionados por mim. Quem me abstrai, e ainda assim acredita poder pensar-vos, enreda-se numa grande ilusão: pois vossa existência fora de minha representação é uma contradição flagrante, um sideroxylon². VOSSO SER significa unicamente que sois representados por mim. Minha representação é o lugar de vossa existência: por conseguinte, eu sou a primeira condição da mesma.

A MATÉRIA – Felizmente a presunção da tua assertiva logo será contradita de uma maneira real e não por meras palavras. Mais alguns instantes e... tu de fato não existirás mais, estarás naufragada no nada com todo o teu palavrório, terás, como uma sombra, desaparecido e sofrido a fatalidade de cada uma de minhas formas transitórias. Eu, entretanto, permaneço, sem feridas e conservada, de milênio em milênio, pelo tempo infinito, e assisto inabalável ao jogo de mudança de minhas formas.

O SUJEITO – Esse tempo infinito de que te gabas viver, existe, como o espaço infinito que tu preenches, meramente em minha representação, sim, é simples forma de minha representação, que trago pronta em mim, na qual tu te expões, que te acolhe e pela qual tu unicamente existes. A aniquilação entretanto, com a qual me ameaças, não atinge a MIM; do contrário serias aniquilada COMIGO: antes, ela atinge apenas o indivíduo, que por curto espaço de tempo é meu sustentáculo e é por mim representado, como tudo o mais.

A MATÉRIA – Mesmo que eu te conceda isso e resolva considerar a tua existência, que em realidade está ligada inseparavelmente a esses indivíduos

² “Ferro-madeira”, neologismo a partir de duas palavras gregas para indicar uma contradição nos termos. (NT)

transitórios, como algo que persiste por si mesmo, ainda assim a mesma permanece dependente da minha. Pois tu és sujeito só na medida em que tens um objeto: e este objeto sou eu. Eu sou o núcleo deste e o seu conteúdo, o permanente nele, o que lhe dá unidade e coesão, sem o que ele seria tão inconsistente e desapareceria tão vaporosamente como os sonhos e fantasias de teus indivíduos, ainda que eles mesmos tenham haurido de mim o seu conteúdo aparente.

O SUJEITO – Fazes bem em não queres disputar sobre a minha existência, por conta de ela estar ligada a indivíduos: pois tão inseparavelmente quanto eu estou imbricado a estes, estás tu e tua irmã, a forma, e jamais terias aparecido sem ela. Tanto tu quanto eu, despojados e isolados, nunca fomos vistos por olhos alguns: pois ambos não passamos de abstrações. Há no fundo UM ser que se intui a si mesmo e é por si mesmo intuído, mas cujo ser em si não consiste no intuir nem no vir-a-ser-intuído, já que isto é repartido entre nós.

AMBOS – Desse modo, então, estamos inseparavelmente atados como partes necessárias de um todo, que nos abrange, e mediante nós subsiste. Somente um mal entendido pode nos contrapor como inimigos e assim induzir-nos um a combater a existência do outro, com a qual cada um mantém a sua e a perde.

Esse todo que abrange a ambos é o mundo como representação, ou o fenômeno. Feita a sua exclusão permanece apenas o puramente metafísico, a coisa em si, que reconheceremos no segundo livro como a Vontade.

Esta última intervenção é de Schopenhauer e lembra Machado de Assis, ou seja, o autor interrompe uma narrativa em momento de clímax, nela intervém, e dirige-se diretamente “à leitora”.

3.

A música ou Brahms

Schopenhauer tem uma interessante metafísica da música desenvolvida no terceiro livro do tomo I de sua obra magna, e depois complementada pelo capítulo “Metafísica da música” do tomo II. Salta ali aos olhos a comparação feita entre música e mundo. A música, como arte suprema, paira acima de todas as demais, pois é a “linguagem direta da coisa-em-si”. Haveria uma analogia direta entre música e mundo, que vai dos sons graves até os agudos, de forma que o baixo é, na harmonia, o que no mundo é a natureza inorgânica, e equivale à massa planetária sobre a qual tudo se assenta e a partir da qual tudo se eleva e desenvolve; já o conjunto das vozes intermediárias, prossegue o filósofo, que produzem a harmonia e se situam entre o baixo contínuo e a voz condutora que canta a melodia, pode-se reconhecer a sequência de Ideias nas quais a Vontade se objetiva, ou seja, a sua visibilidade: neste sentido, as vozes mais próximas ao baixo correspondem aos corpos inorgânicos, as vozes mais elevadas correspondem aos reinos vegetal e animal.

Os *intervalos determinados* da escala tonal são paralelos aos graus determinados de objetivação da Vontade, às espécies determinadas da natureza. O *desvio* da correção aritmética dos intervalos mediante um temperamento qualquer é análogo ao desvio do indivíduo do tipo da espécie. As *dissonâncias impuras* que não formam nenhum intervalo determinado são comparáveis às formações estranhas da natureza, situados entre duas espécies animais.

Detendo-se na melodia, Schopenhauer identifica na voz principal elevada, que canta e conduz o todo em progresso livre e irrestrito, em conexão significativa e ininterrupta de UM pensamento do começo ao fim, o grau mais elevado de objetivação da Vontade, ou seja, a vida do ser humano com esforço e clareza de consciência, pois apenas o ser humano, na medida em que é dotado da faculdade de razão, vê possibilidades incontáveis adiante ou retrospectivamente no caminho de sua vida, e, assim, traz a bom termo um decurso de vida claro tomado como um todo concatenado. Correspondendo a isso, somente a melodia

tem conexão intencional e plenamente significativa do começo ao fim. Ela narra, por consequência, a história da Vontade iluminada pela clareza de consciência. Porém, a melodia diz mais: narra a história mais secreta da Vontade, pinta cada agitação, cada esforço, cada movimento seu, tudo o que a razão resume sob o vasto e negativo conceito de sentimento. Por isso, conclui o filósofo, diz-se que a música é a linguagem do sentimento e da paixão, assim como as palavras são a linguagem da razão.

Ora, no meu entendimento, depois da aproximação constatada mais atrás entre a matéria e o puro sujeito do conhecimento, a partir do capítulo 1 dos *Complementos*, e, mais ainda, a partir da constante aproximação que podemos detectar entre a matéria e a coisa-em-si – eu diria que essa metafísica da música tem também de ser reinterpretada. E em que termos? Resposta: *guardando paralelo com aquele som que mais se aproxima da coisa-em-si confundida com a matéria*, ou seja, o elemento de coesão e identidade da música não é a voz principal e aguda, mas o *baixo fundamental*. O baixo é a tradução mais perfeita do querer, não as vozes. Pois aquele fundo grave, abafado, obscuro da massa planetária é o próprio obscuro da matéria, em cima do qual surge a luz da razão bem como toda forma de vida que se desenvolve em todas as eras. A matéria é o correlato necessário e indissolúvel do mundo visível, do mundo como representação, e o possibilita, pois sem matéria nada de visibilidade da Vontade.

Ora, em assim sendo, se esta interpretação é aceitável, então pode-se concluir que na audição musical, se quisermos nos aproximar do sentido da metafísica da música de Schopenhauer, temos de prestar máxima atenção a como o baixo, o som grave, dá sustentação à composição musical. Retomando uma perdida passagem do tomo I, escondida e tímida em meio à sua *Metafísica da natureza* (segundo livro), pode-se reafirmar que, só com as vozes soltas e o baixo que se move gravemente, do qual procede a harmonia, é que se atinge necessariamente a **plenitude da música**. (cf Schopenhauer 2005, p. 219)

O grave deve então destacar-se na sua imponência precisa, fazendo de si emanar a vida na música, identificada amiúde na voz, como no mundo a vida emana da Vontade através da matéria. Neste sentido é que tenho em mente a música de Brahms, que concede destaque ímpar ao grave, em especial nas enigmáticas e sombrias aberturas dos primeiro e quarto movimentos da Sinfonia Nr. 1, dominados por tímpanos. Aí se tem, se formos interpretar com os termos de Schopenhauer, a atividade produtiva da Vontade e da matéria expressas nos tímpanos e nos graves (que fazem a base da música) sobre a qual apóia-se a série dos seres inorgânicos e orgânicos. A Vontade, para o filósofo, não é um ser, mas atividade, *Tätigkeit*, e a matéria reflete esta índole, pois é definida como fazer-efeito, *wirken*. E isso, me parece, em termos de Schopenhauer, ouvimos sombria e obscuramente nesses inícios de movimentos de Brahms, nos graves, depois (sobre) dos quais irrompe a luz da vida e a melodia ascende sobre os graves.

BIBLIOGRAFIA

BHAGAVAD GITA. **Der Gesang des Erhabenen**. Trad. do sânscrito para o alemão de Michael von Brück. Frankfurt/Leipzig: Verlag der Weltreligionen, 2007.

BARBOZA, J. **A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: Humanitas, 2001.

SCHOPENHAUER. “Über die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde”. In: **Sämtliche Werke (I)**. Edição de Arthur Hübscher. Wiesbaden: F.A.Brockhaus, 1972.

----- . **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Edunesp, 2005.

----- . **Werke in Fünf Bänden (II)**. Edição de Ludger Lützkhaus. Zürich: Haffmans, 1988.